

VILA-MATAS, Enrique. *Dublinesca*. São Paulo: Cosac Naify, 2011, 320 pp.

Decifra-me leitor contemporâneo

Juliano Paines Martins¹

A acessibilidade dos textos aos novos leitores, navegadores ou surfistas em tempos de *World Wide Web* parece ter deixado uma dúvida: será que conseguem identificar a variada gama de documentos em forma de hipertextos, vídeos, sons e imagens encontradas em pesquisas realizadas com um buscador? Será que, de fato, estão conseguindo decifrar a nova narrativa contemporânea? Muito se pensou que com a chegada das informações instantâneas, os leitores captassem rapidamente as essências das produções ficcionais criadas nas primeiras décadas dos anos 2000, será? Eis que nesse emaranhado de “*teiasécrans*”, surge um romance quase indecifrável, *Dublinesca* do escritor espanhol, Enrique Vila-Matas.

O primeiro grande nó do emaranhado dessa trama, que o leitor desavisado tentará inferir, é o da necessidade de conhecer a obra de James Joyce, *Ulysses*. Essa, porém, uma paródia de outra obra muito conhecida que aborda o mito do grego Ulisses, na *Odisseia*.

As três obras apenas renomeiam seus personagens fazendo com que o centro da narrativa principal, o da viagem e o do tempo alterem-se, mas permanece a relação entre elas devido à menção aos títulos e fragmentos das obras, dos autores e dos personagens. Em *Dublinesca*, as idas e vindas do editor de livros Samuel Riba em suas viagens, tanto as que já fez, quanto aquela sobre à qual está refletindo num quarto de hotel no momento do discurso do narrador, e a que irá realizar, ir a Dublin comemorar o “*Bloomsday*”, que é o dia em que os fãs do romance de Joyce (o já citado *Ulysses*) comemoram, na Irlanda, e em outras várias partes do mundo. Mais precisamente trata-se do dia 16 de junho, que tem como elemento chave a leitura e a veneração da obra de James Joyce e do seu personagem principal Leopold Bloom (o dia de Bloom).

¹ Mestre em Letras pela UNISC.

Sem dúvida, este é um motivo alegre para Riba ir a Dublin proferir seu discurso pela morte da boa literatura e da imprensa de *Gutenberg* e para brindar a modernidade das escritas eletrônicas. Esse fato por si só já conduz o personagem ao isolamento e a depressão ligada à palavra japonesa *hikikomori* que tem o mesmo significado. Só o que já foi citado sobre esse romance seria um pretexto/convite ao entendimento dos escritos anteriores, a respeito do que a obra atual não discorre com tanta naturalidade, até porque *Dublinesca* inicia com o propósito de convidar o leitor para uma viagem, uma busca por alguém que a desvende, que se arrisque tanto como o herói grego e que reflita e tenha tanta sabedoria de vida quanto os pacatos personagens das obras irlandesa e espanhola.

O leitor precisa conectar as leituras para entender que o personagem herói é ao mesmo tempo anti-herói e também um aposentado editor de livros, ex-alcoólatra: respectivamente em Ulisses (*Odisséia*), Leopold Bloom (*Ulysses*) e Samuel Riba (*Dublinesca*).

Voltando aos nós, eles podem desorientar o leitor e gerar uma péssima compreensão leitora, e as consequências caóticas não param por aí. A própria expressão “*Bloomsday*” não está dada de presente para o “ingênuo”, pois o leitor terá que ter uma vasta bagagem cultural em literatura, cinema e música que vai da década de 1950 até a edição do livro, 2010, para tentar se incluir naquele repertório. Entre as citas que percorrem os fios da teia está a atriz Catherine Deneuve (ícone do cinema francês nas décadas de 60/70) como reencarnação da própria esposa Célia, mulher do personagem Riba, em *Dublinesca*.

A cena do encontro dos dois num dia chuvoso, ela vestindo uma capa igual a que Deneuve vestia no filme *Lesparapluies de Cherbourg* (Os guarda-chuvas do amor, 1963) de Jacques Demy, e outra menção ou transmutação entre a atriz (personalidade real) e o dia em que foi apresentado à Literatura, sua também paixão à primeira vista “*porque foi estranho, a literatura chegou-lhe leve, com passo airoso, sapatos vermelhos de salto alto, gorro russo de lado da capa de gabardina bege, mesmo assim, não se interessou por ela até identificá-la plenamente com Catherine Deneuve*” (p.138).

O texto de Vila-Matas fala de três segmentos de arte dos últimos 50 anos, a música, o cinema e a literatura. Primeiro relembra para o leitor a música, o estilo musical *yéyé* (tradução do inglês *yeahyeah*) popularizado na Europa dos anos 1960, pela banda Les Surfs, serve como fundo, quando ele, Riba conhece Célia, ao som da letra *Tú serás mi Baby* “Sinpreguntar quién

eras,/ me enamoré./ Y seastúquienseas,/ sempre te querré” (p.33) versão em espanhol de *Be my baby*. Não poderia deixar de lado o recente Prêmio Nobel de Literatura Bob Dylan, cantando *MostLikelyGoYour Way* como um estímulo a seguir a vida, mesmo que essa esteja a dar sinais de uma mão tremelica que aponta coisas em uma caderneta para lembrar de outras coisas, mas o que sai são “paus ou pauzinhos dobrados, tão incompletos que não conseguem chegar a fazer parte do alfabeto de nenhum hieróglifo”. (p.41)

O sentimento saudosista tem um motivo, o da estética do fim de mundo, assim invoca a segunda arte: o cinema. Menciona o filme de David Cronenberg “Spider – Desafie sua mente” cuja personagem, “o jovem Spider é o último a descer de um trem e logo se vê que ele é diferente dos demais passageiros” [...] “um grande perturbado, talvez um solitário em pleno momento de incomunicabilidade num mundo inóspito”. (p.37)

No filme de Cronenberg, Spider é um jovem perturbado pelo passado, depois de sair de um manicômio onde regressa às ruas do *EastEnd* de Londres recuperando as lembranças da infância. Riba faz isso com suas artes preferidas, e lista filmes de arte *Il deserto rosso* de Michelangelo Antonioni; *Alphaville* de Jean Luc Godard; *Tout lamémoiredu monde* de Alan Resnais; *Fahrenheit 451*; *La jetée* de Chris Market. E por último a literatura “em cada beliche haverá no mínimo um livro, um volume que, com tratamentos de conservação modernos, terá sobrevivido à umidade delirante” (p.48)

Dublinessa percorre junto com Riba e seus amigos, Javier, Ricardo e Nietzky, metaforicamente, o percurso de Bloom, e seus amigos Simon Dedalus, Martin Cunningham e John Power, os personagens originais do cortejo fúnebre de 1904, da obra *Ulysses*. Se até aqui, nessa exposição, o leitor não avançar igual a um relógio-ponto possivelmente faltou-lhe “*intertextualidade, conexões com a alta poesia, consciência de uma paisagem moral em ruínas e uma ligeira superioridade do estilo sobre a trama*” (p.15), logo, está despreparado para entender, ou ser leitor, da nova narrativa contemporânea, ou, compreender o futuro da arte literária.